

Processo de Diferenciação dos Casais de suas Famílias de Origem

Rovana Kinas Bueno

Sabrina Alves de Souza

Mariliane Adriana Monteiro

*Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Santo Angelo, RS, Brasil*

Rosane Harb Müller Teixeira

*Universidade de Cruz Alta
Cruz Alta, RS, Brasil*

RESUMO

Este trabalho busca descrever como ocorre o processo de diferenciação do casal das suas famílias de origem. Conseguiu-se por acessibilidade os quatro casais sem filhos para a realização da entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados conforme seu conteúdo. Emergiram três categorias: Família de origem; Diferenciação; e Casamento. Os casais, principalmente as mulheres, sentem-se muito apegados e próximos às suas famílias, mesmo distantes fisicamente. As famílias, embora sofram no início, costumam apoiar a independização dos filhos. Os cônjuges possuem uma boa experiência de seus casamentos, e seus contratos matrimoniais são feitos através do diálogo. Embora compreendam o que é diferenciação, possuem dificuldade no processo.

Palavras-chave: Individualidade; casamento; relações familiares.

ABSTRACT

Process of Differentiation of Couples from Their Families of Origin

This paper aims to describe the process of differentiation of the couple from their families of origin. Through accessibility, four couples without children were contacted to answer a semistructured interview. Data were analyzed according to content analysis. Three categories: Family of origin, Differentiation and Marriage emerged. The couples, especially women, feel closer to their families, even when physically distant. Although the families suffer at first they tend to support the independence of the children. The spouses have a good experience in their marriages, and their marriage contracts are made through dialogue. Eventhough they understand what differentiation means, they have difficulty in the process.

Keywords: Individuality; marriage; family relations.

RESUMEN

Proceso de Diferenciación de las Parejas de sus Familias de Origen

Este trabajo busca describir cómo es el proceso de diferenciación de la pareja de sus familias de origen. Se consiguieron por accesibilidad las cuatro parejas sin hijos para la realización de la entrevista semiestruturada. Los datos fueron analizados conforme su contenido. Emergieron tres categorías: Familia de origen; Diferenciación; y matrimonio. Las parejas, principalmente las mujeres, se sienten muy apegadas y cerca de sus familias, incluso quando fisicamente distantes. Las familias, aunque sufran en el inicio, costumam apoyar la independización de los hijos. Los cónyugues poseen una buena experiencia de sus casamentos, y sus contratos matrimoniales son hechos a través del diálogo. Aunque comprendan lo que es diferenciación, poseen dificultad en el proceso.

Palabras clave: Individualidad; matrimonio; relaciones familiares.

INTRODUÇÃO

Toda criança nasce indiferenciada em relação à sua família, e durante seu desenvolvimento, deverá diferenciar-se para alcançar autonomia e independência. Na família, a criança experimenta tanto o pertencimento quanto a diferenciação: o pertencimento no sentido de participar, sentir-se membro da família, partilhar suas crenças, valores, regras, mitos e segredos; e a diferenciação como afirmação de sua singularidade, sua individuação e seu direito de pensar e expressar-se independentemente dos valores defendidos por sua família (Martins, Rabinovich e Silva, 2008).

De modo geral, as pessoas buscam ao longo de suas vidas um(a) companheiro(a), o que faz do casamento a maior instituição que há em nossa sociedade, já que é também o legitimador da união entre dois indivíduos e o encontro entre duas famílias (Groisman, 2006). A maioria das pessoas irá se casar ou vivenciar algum tipo de união em algum momento de sua vida (Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro, 2006).

O casamento é um modelo adulto de intimidade, bem como uma oportunidade da aquisição da individuação e do pertencimento, num processo dialético de fusão-individuação. Cada parceiro deve se separar de sua família de origem para formar a sua própria família. E quanto mais separados, mais estarão juntos, aumentando sua individualidade e intimidade (Whitaker, 1995).

Bowen (1979) afirma que nos relacionamentos as pessoas são impulsionadas por duas forças que se equilibram: a individualidade e a proximidade, mas o problema é a polarização em alguma dessas forças em função de necessidades emocionais. Este autor alega que as disfunções físicas, emocionais e sociais possuem relação com o ajuste que se faz da individualidade com a coletividade. Então, ele argumenta que nos relacionamentos em equilíbrio (dinâmico), é investida a mesma quantidade de energia vital na relação, e se retém igual quantidade de energia para manter a vida individual.

As características deste equilíbrio não são idênticas em todos os relacionamentos, o que faz com que as mesmas existam em um contínuo, no qual em um extremo se verifica uma alta taxa de investimento na relação (relações de fusão) e no outro uma maior retenção de energia no indivíduo, investida para seu desenvolvimento pessoal.

Assim, a diferenciação é um processo fundamental nos relacionamentos, já que se refere a um processo de individuação/independência emocional. O termo diferenciação pode também ser relacionado com a capacidade de funcionar de forma autônoma, ajudando

a pessoa a evitar alcançar polaridades reativas (fusão ou rompimento), permitindo tanto a intimidade e a autonomia nos relacionamentos, como o envolvimento na solução de problemas adaptativos (Bowen, 1978; Kerr e Bowen, 1988).

O conceito de “diferenciação do self”, proposto por Bowen (1979), equivale a identidade, individualidade e maturação, mas não se resume apenas a isto, pois não diz respeito apenas a indivíduos, mas também a relacionamentos. A diferenciação também pode ser entendida como a afirmação da singularidade (Martins, 2005). Deste modo, quanto mais diferenciado for o indivíduo, mais satisfatoriamente este conseguirá pensar na coletividade. Isto porque quanto mais diferenciadas forem as pessoas, mais elas se responsabilizarão e cuidarão de si próprias, dos outros e do ambiente. Segundo Bowen (1979), pessoas indiferenciadas são facilmente levadas à emotividade, e suas vidas são movidas pela reatividade àqueles que as cercam. Guerin, Fay, Burden e Kautto (1987) complementam essa ideia na medida em que argumentam que se libertar parcialmente do caos da própria família (diferenciação) está relacionado com a análise do próprio papel ativo nos relacionamentos no lugar de culpar os outros.

É importante destacar que essa independência emocional ocorre ao longo da vida, mas, conforme Jankowski e Hooper (2012), ganha destaque na adolescência e no início da vida adulta, momento em que geralmente se intensificam as (re)negociações de inúmeros aspectos com a família de origem, e fica mais evidente a definição de um self, desse modo, quanto mais diferenciado for um indivíduo, mais autônomo o mesmo será, e segundo Skowron, Stanley e Shapiro (2009), menos problemas psicológicos e interpessoais o mesmo apresentará.

Pode-se também dizer que, quanto maior a diferenciação de uma pessoa de sua família de origem, maior será a capacidade da mesma para conseguir lidar com pressões emocionais internas ou externas (Nichols e Schwartz, 2007). Além disso, cônjuges pouco diferenciados geralmente buscam moldar-se um ao outro à sua própria imagem e tentam garantir que suas necessidades sejam atendidas, o que pode gerar conflitos (Tavora, 2009).

Como a escolha do cônjuge está relacionada ao nível de diferenciação do eu, a pessoa tende a escolher o parceiro com um nível de diferenciação semelhante ao seu (Coelho, 2007; Martins, Rabinovich e Silva, 2008). Além disso, os filhos podem ter diversos níveis de diferenciação, mas não muito distantes daqueles alcançados pelos seus próprios pais. Kerr e Bowen (1988) também explicam que, na

projeção familiar, os pais transmitem aos filhos sua imaturidade e indiferenciação conforme expressas no relacionamento, o que faz com que o filho escolhido como objeto da projeção dos pais se torne o mais ligado a eles e, conseqüentemente, com um nível mais baixo de diferenciação do self.

No casamento a diferenciação se faz necessária tanto por contribuir no processo de tornar-se adulto (Skowron, Kozlowski e Pincus, 2010) como para que o casal consiga delimitar o que será deles e o que repetirão de suas famílias de origem, possibilitando novos modos de funcionamento. Então, como o casamento requer que haja negociação implícita ou explícita de inúmeras questões, tanto em termos individuais como o que foi definido por suas famílias de origem (Carter e McGoldrick, 1995), esta negociação pode ser dificultada quando não há diferenciação satisfatória do casal ou de um dos cônjuges de sua família, podendo gerar inúmeros conflitos entre o casal (Coelho, 2007).

Conforme Martins, Rabinovich e Silva (2008), Foley cita três maneiras que os casais usam para controlar a intensidade da fusão do ego com a massa do ego da família. A primeira é expressa pelo conflito conjugal. A segunda é marcada pelo aparecimento de uma disfunção em um dos cônjuges, o que faz com que um deles cederá ao outro, tornando-se dependente. E a terceira, que é usada pela díade conjugal, visando aliviar a situação estressante, é a transmissão da tensão para o(s) filho(s), que apresentará(ão) algum sintoma. Ter claro estas maneiras de controlar a indiferenciação pode auxiliar os casais a lidarem melhor com as situações e buscarem a diferenciação de suas famílias de origem.

Bowen (1979) ressalta que a capacidade de cada indivíduo manter separados os sistemas emocionais e sentimentais dos intelectuais depende em grande parte do passado multigeracional e das experiências vividas na própria família de origem. Isto significa que os níveis de diferenciação vão sendo transmitidos ao longo das gerações e que os filhos que alcançaram baixo nível de diferenciação possuem dificuldades de se separar ou não se separam de seus pais, ficando impedidos de explorarem o mundo livremente sozinhos ou com seu cônjuge, caso cheguem a casar (Loriedo e Strom, 2002).

Conforme Coelho (2007), os padrões emocionais da família refletem os padrões emocionais da sociedade, e se influenciam mutuamente, permanecendo em equilíbrio recíproco. Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é descrever como ocorre o processo de diferenciação do casal das suas famílias de origem. Logo, este trabalho é relevante no âmbito acadêmico por proporcionar um maior aprofundamento no

assunto e é relevante no âmbito social devido às implicações que a funcionalidade do casal e da família ocasiona na sociedade.

Reforça-se a ideia de Bowen (1979) de que a diferenciação, por se tratar de um mundo emocional, se refere muito mais um contínuo que varia de menos diferenciado a mais diferenciado do que em uma classificação rígida e imutável de ser ou não uma pessoa diferenciada. Além disso, como a diferenciação do self nem sempre ocorre em níveis satisfatórios e como cada um dos cônjuges pode experimentar este processo de individuação de forma diferente, se faz interessante um aprofundamento no tema, buscando não quantificar o nível de diferenciação, até porque se trata de questões emocionais e isto se tornaria inviável, mas explorar como as pessoas vivenciam essa maturação.

Deste modo, com base no exposto, o objetivo geral desta pesquisa foi descrever como ocorre o processo de diferenciação do casal das suas famílias de origem e qual a influência deste processo na construção da família nuclear. Os objetivos específicos propostos foram: analisar a diferenciação de cada um dos cônjuges; explorar como cada um experiencia o casamento; verificar como ocorreu o “contrato matrimonial”; averiguar como as famílias vivenciaram/vivenciam o processo de diferenciação do cônjuge (na perspectiva do mesmo); e descrever as possíveis influências do processo de diferenciação na construção da família nuclear.

MÉTODO

O método usado foi uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo exploratória, pois se descreveu, analisou, classificou e registrou a dinâmica da diferenciação, tendo em vista uma maior familiaridade com o assunto. A proposta desse estudo foi apresentar uma análise de conteúdo a partir de categorias que emergiram da literatura e de entrevistas.

Assim, após ter sido explicado a pesquisa para cada casal e mostrado a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da URI – Santo Ângelo (CEP-SAN), registrado sob o nº 020-04/PPH/09, os cônjuges assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Uma cópia desse Termo ficou com os participantes e outra com a pesquisadora. Foram entrevistados quatro casais que tinham entre 22 e 33 anos de idade, contatados por acessibilidade. Os casais entrevistados possuíam entre um ano e meio a quatro anos de casamento, e não tinham filhos, nem de relacionamentos anteriores.

O instrumento usado foi uma entrevista semiestruturada, já que este tipo de entrevista sugere

liberdade e espontaneidade, facilita-se a descrição, a explicação e a compreensão dos fenômenos sociais em sua totalidade. A entrevista semiestruturada partiu de questionamentos básicos (relacionados às famílias de origem, ao casamento e ao processo de independência emocional de cada um dos cônjuges) fundamentados em teorias e hipóteses, proporcionando uma expansão de interrogativas, originadas de novas hipóteses que surgiram ao longo da entrevista.

As entrevistas foram gravadas e realizadas por uma bolsista de graduação em Psicologia na residência dos casais. A duração da mesma foi de aproximadamente uma hora e meia.

Após a coleta de dados pela entrevista, a mesma foi transcrita. Os dados foram analisados conforme seu conteúdo (Laville e Dionne, 1999), cujo objetivo é compreender o sentido das comunicações, seu teor e suas significações. A análise de conteúdo englobou a categorização dos assuntos proeminentes para as questões estudadas. Estas categorizações obedeceram ao modelo misto, que, apesar de ter categorias escolhidas no início, puderam ser alteradas em função do que surgiu na análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos resultados, se faz necessário contextualizar os casais, os quais escolheram seus nomes fictícios. Para isto, segue abaixo uma síntese sobre cada um:

Casal 1: Adão tem 27 anos e Eva tem 29 anos. Eles estão casados há quatro anos. Ele é o primogênito de uma família de três filhos: dois homens e uma mulher (caçula), a qual havia saído de casa, retornou e permanece morando com os pais. Eva é a caçula de uma família que possui quatro filhas. Suas duas irmãs mais velhas são casadas e a que não é também havia saído de casa para morar no exterior, mas retornou para a casa dos pais.

Casal 2: Pedro de 33 anos e Ana de 28 anos estão casados há um ano e meio. Ela é filha única e perdeu o pai antes de nascer. Pedro possui dois irmãos mais velhos e uma irmã mais jovem. Eles não moram próximos das suas famílias de origem, e apenas um dos irmãos de Pedro, mora perto dos pais, mantendo um contato quase diário com estes.

Casal 3: Pascoal tem 28 anos e Joana tem 22 anos. Estão casados há quatro anos. Ele é o caçula, tem duas irmãs e um irmão. Joana é a primogênita e possui um irmão mais novo. Na família dele nenhum dos filhos mora com os pais, embora o filho do meio resida próximo a eles. Na família dela, o casal (pais) mora sozinho.

Casal 4: João de 30 anos e Lídia de 24 anos estão casados há dois anos. Ele tem apenas uma irmã mais nova, e ela tem três irmãos mais velhos, sendo que dois são gêmeos e um destes mora com os pais. João saiu de casa por dois anos para servir o exército, mas retornou. Eles moram com a família dele (pais e a irmã).

Com a análise das entrevistas, emergiram três categorias: Família de origem; Diferenciação; e Casamento. Então, será agora aprofundada cada uma destas categorias.

A primeira categoria, denominada Família de origem, compreende o apego, as expectativas das famílias, as influências, a intromissão, a proximidade (afetiva e física), bem como de que modo se configura o lar da família de origem do cônjuge entrevistado após sua saída de casa. Ou seja, se sua família ficou configurada como “ninho cheio”, que conforme Silveira e Wagner (2006) é quando um filho permanece morando com os pais depois de adulto, ou “ninho vazio”, quando não permanece nenhum filho morando com os pais.

A maioria dos cônjuges, principalmente as mulheres, afirmam serem muito apegados às suas famílias de origem. Isto é verificado no seguinte trecho da entrevista:

Joana: – É... a gente tem uns casos familiares bem diferentes... Da questão da família é um pouco diferente. Eu sou bem mais, mais ligada com meu pai e com minha mãe... tu também é mas...

Pascoal: – É, mas não é tanto.

Conforme Nichols e Schwartz (2007), as pessoas herdaram de suas famílias de origem a forma de apego emocional, o qual permanece semelhante nos seus novos relacionamentos íntimos. Logo, pessoas de famílias indiferenciadas tendem a permanecer sendo indiferenciadas quando formarem suas próprias famílias.

Parece que as famílias das mulheres entrevistadas buscam participar mais da suas vidas, mantendo um vínculo afetivo estreito. Acredita-se que seja por isso que geralmente é a família delas a que mais exerce influência sobre o relacionamento do casal. Essas influências variam muito conforme as famílias, e vão desde opinar sobre a relação conjugal até a serem modelos de como ser enquanto casal e família, por exemplo.

Na frase de Ana se verifica isso: Eu acho que assim, no início é bastante complicado, para mim mais a parte afetiva, no caso... eu, muitas vezes não consigo fazer uma diferenciação, [...] então ainda há uma ligação afetiva muito grande.

Constata-se também uma relação entre apego e dificuldade de diferenciação, pois as mulheres, talvez por serem mais apegadas às suas famílias de origem, geralmente apresentam maior dificuldade no processo de diferenciação. Outro motivo que poderia justificar tal fato se refere à educação geralmente diferenciada que recebem da dos homens, pois muitas vezes são educadas para cuidarem dos familiares (Carter e McGoldrick, 1995). Além disso, outra justificativa pode ser o fato de geralmente a mulher possuir uma maior necessidade de relacionar-se com outras pessoas. É importante esclarecer que estas inferências referentes às questões de gênero são hipóteses que possam justificar os resultados encontrados, não se tratando de verdades absolutas ou de uma tentativa de generalização.

Observa-se inúmeros momentos em que os casais se contradiziam. Um exemplo disso, é que primeiro diziam que não recebem influência de suas famílias de origem, depois verbalizavam que recebiam de ambas as famílias, e posteriormente ainda alegavam que a família da mulher é a que exerce mais influência sobre eles.

De modo geral, os casais afirmaram que suas famílias não se intrometem em seus relacionamentos, sendo que apenas o casal 3 admitiu uma pequena intromissão por parte da família da mulher. Isto revela a predominância da influência indireta que recebem de suas famílias de origem que ocorre por meio dos não ditos, dos implícitos, e do ter alguma família como modelo (em geral a da esposa). A fala de Joana expressa claramente este aspecto: [...] intromissão não tem... tem às vezes, mas é coisa que perfeitamente dá para entender... eles querem ajudar, querem saber [...].

Quanto às expectativas que cada família possui sobre os casais, as famílias de dois deles, segundo eles, esperam netos, e as famílias dos outros dois não manifestam nenhum desejo explícito aos mesmos. Já quanto à questão da proximidade, verificou-se que não há uma relação entre a proximidade física e a afetiva, sendo que as mulheres, como já relatado acima, se sentem mais próximas afetivamente de suas famílias de origem do que os homens, e por isso sofreram e ainda sofrem mais do que os homens com a separação (saída de casa).

Verificou-se que nas famílias de seis dos oito cônjuges se verifica o chamado ninho cheio, ou seja, há algum filho que permanece morando com os pais ou do lado da casa destes, estando sempre junto. Isto pode facilitar a saída dos outros filhos de casa, pois sabem que seus pais não estão sozinhos e estão sendo cuidados pelo(a) irmão(a). Isto também pode ser identificado pela autora Maldonado (2006) como “geração canguru”, pois os filhos não saem da “bolsa”.

A categoria denominada Diferenciação recebe influência da categoria anterior, pois é um processo mais difícil para as mulheres e é a família delas que mais exerce influência sobre os casais. Embora os cônjuges entrevistados pareçam ter claro o que é diferenciação e alegarem ser diferenciados, acabam relacionando diferenciação com o tempo que estão longe de casa ou com a frequência que vêm suas famílias, o que demonstra que saber o que é ser independente e querer ser, é diferente de conseguir ser, a todo o momento, diferenciado. Porém, aqui se faz importante ressaltar que estes relatos dos casais é o que de fato acontece, pois ninguém consegue ser, a todo momento, de fato, diferenciado. Nesta categoria será abordado o conceito que cada casal possui de diferenciação ou independência, como os mesmos e suas famílias vivenciaram e ainda vivenciam este processo, e como foi sua saída de casa.

No que se refere ao conceito que cada casal possui do termo diferenciação, todos demonstraram certa dificuldade inicial, mas depois respondiam que era se tornar independente afetiva e financeiramente e formar uma nova família, o que demonstra que de certa forma sabem o significado. Esta resposta é confirmada nas seguintes falas: tornar independente... (Pascoal); Formar uma outra família.. (Joana); e Eu penso assim: no caso a gente teve um evento de uma família, cada um, eu tenho o meu exemplo e ele tem o dele. Quem sabe agora na nossa união: pegar os pontos bons de cada... vivência, no caso, e tentar construir uma nova... (Ana).

Eva se questiona: [...] somos independentes?! Como que eu analiso essa independência?! [...] uma hora a gente tem que se tornar independente. [...] Cresce... o nosso interior... mas... a gente sente muita falta. [...] É bom porque a gente cresce, mas... Hoje para nós eu diria que não seria bom pela distância. Claro que se morássemos perto, ficaria tudo mais... fácil.

Nichols e Schwartz (2007), ao explanarem sobre a teoria de Bowen, ressaltam que as pessoas tem menos autonomia em suas vidas emocionais do que imaginam. Além disso, falam que uma rede multigeracional de relacionamentos molda a interação entre individualidade e proximidade.

Um achado interessante é o estudo longitudinal realizado por Kelly e Conley em 1987. Este estudo aponta que a estabilidade psicológica e a proximidade afetiva experimentada nas famílias de origem dos cônjuges influenciam fortemente o grau de satisfação conjugal, sendo esta influência exercida principalmente pela família de origem da mulher (Loriedo e Strom, 2002).

Isso mostra que o processo de diferenciação influencia muito o relacionamento do casal, e Pedro, em sua fala, revela claramente sua vivência do processo de diferenciação de sua esposa, quando ainda namorados: No início do nosso namoro, até ela me dizia assim “Quando a gente casar, ter filho, a mãe vai estar sempre junto com nós” aí depois não... “Enquanto a mãe está conseguindo se virar, vamos remando também...”, então vai se distanciando aos pouquinhos, no caso, como que vou explicar... distanciando... vai entrando uma outra família....

É comum também o casal confundir diferenciação com distância física, como se quanto mais distantes, mais independentes seriam: Se tu não morar na tua casa, longe [...] dificilmente tu vai ter independência 100% de pai e mãe (Lídia); É, só fica independente quando sai (de casa), isso é verdade (João). Claro que a independência explorada aqui no sentido de diferenciação se refere mais aos aspectos emocionais do que à distância física, mas verifica-se que os participantes consideram que para uma efetiva independência é necessário sair de casa.

Sobre a saída dos mesmos de casa, verificou-se que os homens saíram para estudar ou para trabalhar, e um deles saiu para servir ao exército (sendo que este último, diferentemente dos outros, retornou posteriormente para a casa). Eles falaram que a saída de casa foi tranquila para eles, mas que seus pais/mães sofreram sua falta.

Isto é corroborado nas seguintes frases, que mostram que a saída de casa foi tranquila para os filhos, e difícil, na percepção deles, para os pais: Minha (saída) foi muito tranquila porque eu saí e fui morar numa cidade próxima... com muitos parentes próximos (Pascoal); Para os meus (pais) já foi traumatizante. A minha mãe... ela sempre... mas ela nunca deixava demonstrar. Meu pai já foi mais um pouco complicado, porque ele sempre queria que eu voltasse para casa. Toda vez que eu voltava de férias ele queria que eu ficasse. Então, para ele foi mais traumatizante do que pra mim (Adão).

Já todas as mulheres entrevistadas relataram dificuldade ao sair de casa, alegando que sofreram muito a falta dos pais. Ana explicita isso ao falar sobre sua saída de casa: Complicada. Foi bem difícil. (Ia para casa) Todo final de semana [...] e aí para voltar... é... foi, bem sofrido. Mas, nada como o tempo... o tempo contribui para que a gente possa... porque não dá para ficar sempre... no meu caso: amarrada na saia da mãe. Bom, eu saí porque... a gente morava no interior, então lá não teria muita possibilidade para mim crescer, então a opção era realmente sair pra estudar.

Três das mulheres entrevistadas saíram de casa para estudar, e uma delas saiu apenas para casar. Isto

revela o contexto atual: antigamente mais mulheres saíam de casa apenas para casar, hoje o número de mulheres que sai para estudar é maior, pois já se reduziu o preconceito de que mulher só poderia sair de casa para casar. Além disso, verificou-se que de modo geral, embora as famílias resistam à saída de seus filhos de casa, eles entendem que a saída é necessária e que o filho(a) está se tornando ou se tornou independente deles.

O modo como os cônjuges vivenciaram e ainda vivenciam a independência é influenciado por uma peculiaridade de diversos fatores, tais como a família, o contexto, o gênero, a cultura, a idade... Enfim, por ser subjetiva, essa vivência foi relatada como cada um se sentiu ao se diferenciar e se essa diferenciação foi percebida como mais intensa para alguns antes do casamento e mais intensa para outros após o casamento.

No caso da vivência relatada pelos homens, para dois deles a diferenciação ocorreu de modo gradual, percebida como tranquila e vivenciada com mais intensidade depois do casamento para um deles, e para o outro, antes do casamento. Já os outros dois homens romperam afetivamente com suas famílias. Um deles (que rompeu com sua família) relata que essa diferenciação ocorreu com mais intensidade com sua saída de casa, ou seja, antes de seu casamento, e o outro relata que foi após. Deste modo, não se verifica, na percepção dos participantes deste estudo, uma relação direta entre casamento e diferenciação.

O rompimento emocional descreve como as pessoas lidam com a indiferenciação. Quanto maior a fusão emocional entre pais e filhos, existe uma maior probabilidade de haver rompimento, o qual é buscado morando-se longe, evitando conversas pessoais ou isolando-se na presença de terceiros (Nichols e Schwartz, 2007).

Nichols (1986) alega que muitas pessoas confundem o rompimento emocional com maturidade, acreditando que estar independente de laços familiares é ser maduro, porém, estas pessoas podem não perceber que ainda respondem às suas famílias de forma reativa, tornando-se também muitas vezes adultos impotentes perto de seus pais.

O rompimento afetivo é verificado na fala de Adão, ao falar que não tem seus pais como exemplo: Do meu pai e da minha mãe eu não vou repetir nada. Dos meus, tudo, todos os exemplos que eles me deram foram exemplos de como não fazer. O outro homem que rompeu afetivamente com sua família possui mágoas dos pais principalmente por estes demonstrarem preferência pelo outro irmão, e talvez estas mágoas estejam dificultando o processo de diferenciação.

Conforme Bowen (1979), o novo casal pode ter dificuldade na separação das suas famílias de origem e de definir os limites de suas relações com as mesmas, apresentando ou um rompimento externo, para evitar as interferências, ou uma fusão, ambos funcionando como pressão para o casal. Essas circunstâncias são dois extremos que deveriam ser evitados, pois terão impacto negativo na independização (McCullough e Rutenberg, 1995). O funcional é conseguir estabelecer um meio termo no qual há diferenciação da família, sem que haja rompimento (desligamento), ou seja, a pessoa deve conseguir se separar emocionalmente de sua família sem que rompa ou se fusione com a mesma. No rompimento emocional, os indivíduos se ajustam pela negação ou isolamento do eu, como modo de separação, mas permanecem dependentes emocionalmente, o que pode desencadear enfermidades. Além disso, quanto mais o indivíduo rompe emocionalmente com sua família, mas intensificado fica o processo emocional no interior do casamento (Loriedo e Strom, 2002).

Na vivência relatada pelas mulheres, como já explanado anteriormente, há grande sofrimento e dificuldade no processo. Todas relataram a intensidade afetiva para com suas famílias e o quão difícil é se manter afastadas das mesmas. No relato delas, fica claro que independência física e financeira não está associada à independência emocional, já que nenhuma delas mora próximo de suas famílias e todas são independentes financeiramente.

Loriedo e Strom (2002) mostram que a falta de diferenciação da família de origem faz com que a pessoa tenha ansiedade crônica, reatividade emocional e seja imatura, fazendo com que a mesma possua dificuldades em saber diferenciar o que é seu desejo ou dos outros, pois, há certa fusão (em termos emocionais) entre ela e seus pais.

Isto pode acarretar sofrimento, pois se o indivíduo não conseguiu se constituir primeiramente como um eu independente antes de se casar, pode ocorrer de ele transferir esta dependência de sua família para com seu cônjuge, e sendo dependente desta forma de seu(a) companheiro(a) pode sentir-se incompleto, imaturo e incapaz de tomar decisões.

Além disso, é importante considerarmos a posição da pessoa na família de origem e nas relações futuras com o cônjuge (Bowen, 1979). A posição fraterna pode predizer algumas dificuldades conjugais: aqueles que casam com cônjuge da mesma posição fraterna podem ter mais dificuldades de adaptar-se ao casamento do que aqueles que se casam com cônjuge de posição complementar. Os casais entrevistados encontram-

se numa posição de complementariedade com seus cônjuges no que se refere às posições de nascimento em suas famílias de origem.

No discurso das mulheres, elas demonstram que a independência, por ser mais difícil, é mais demorada, e ainda estão nesse processo. Uma delas alegou que precisa muitas vezes pensar que agora está casada, que é adulta e que a vida dela agora é aquela, necessitando aceitar a realidade em que se encontra. Três delas alegaram que essa diferenciação ocorreu de modo mais intenso depois do casamento, e apenas uma delas alegou que vivenciou esse processo de modo mais intenso antes de se casar.

Como o casamento indicaria o início de um novo núcleo familiar e a emergência de uma nova geração, entende-se sua peculiar relação com o processo de diferenciação e a necessidade de que essa individualização ocorra para que haja casamento. Deve-se sair de um núcleo familiar para se formar outro. Aqui se faz importante a cerimônia de casamento, que representa a passagem para a adultez e a potencial transição para a parentalidade. Essa potencial transição para a parentalidade é verificada, por exemplo, na grande expectativa das famílias de origem ao dizerem para os casais que esperam por netos.

Sobre essa questão da cerimônia de casamento, chama a atenção a história de um dos casais, os quais realizaram uma cerimônia de casamento pequena, mas os familiares do homem ainda esperam uma festa de casamento. Ou seja, para a família dele, segundo o que ele verbalizou, é como se eles não tivessem casado, pois não fizeram uma cerimônia grande e para toda a família. Aqui novamente se faz relevante o significado da cerimônia de casamento, como um ritual que marcaria a passagem de pessoas solteiras para um casal casado.

A categoria intitulada Casamento aborda como os cônjuges estabelecem seus contratos matrimoniais, como resolvem seus conflitos e vivenciam o casamento. O contrato matrimonial aqui referido se assemelha aos conceitos de “contrato emocional” e “código de ética” de Tavora (2009), a qual fala que o contrato emocional, que na maioria das vezes é implícito e em parte inconsciente, é quem define os papéis e o modo como os parceiros se relacionam. Já o código de ética rege a conduta dos cônjuges, principalmente no trato de um com o outro.

Willi (1995) alega que para a construção de um mundo em comum, são necessárias negociações, as quais dizem respeito ao sentido e objetivo da relação. Essas negociações são importantes principalmente no início do relacionamento, mas continuam depois, exigindo, a cada nova situação, uma readaptação

das regras definidas anteriormente por cada um dos cônjuges.

Assim, sobre o contrato matrimonial, todos os cônjuges alegam que sempre conversam e combinam sobre como será na casa deles, o que querem repetir de suas famílias, o que querem fazer de diferente, e alegam que esta conversa ocorre constantemente, para que com frequência se façam novos ajustes a fim de melhorar seus relacionamentos. McGoldrick (1995) ressalta a importância dessas negociações no casamento, uma vez que os cônjuges possuem diversas questões sobre os quais decidir.

Isto é corroborado na fala de Ana, a qual diz: É... as vezes eu acho que há algumas combinações... ou comentários... lá em casa era assim... mas quem sabe a gente poderia fazer um pouco diferente... ou, lá em casa era assim e era legal... eu acho que há essas combinações.

Ao serem questionados sobre o que não repetem de suas famílias, os casais revelam que buscam fazer diferente o que não gostavam que seus pais faziam, o que demonstra o quanto seus pais são seus exemplos de modo de agir em um relacionamento conjugal. Em geral, eles buscam aumentar a expressão de afetividade, o diálogo e pensar mais em si próprios.

Percebe-se que embora as pessoas busquem funcionar de modo diferente ao de suas famílias de origem, isto é muito difícil, pois os pais (ou pessoas que exerceram esta função) são os modelos que cada pessoa tem e há uma tendência a repetir o padrão/modo de funcionamento dos mesmos (Wagner e Falcke, 2001). Na devolução, os cônjuges foram perguntados sobre qual a família eles se sentiam como pertencendo mais: à família de sua mãe ou à família de seu pai. Ao responderem perguntou-se a eles se eles sentiam que repetiam mais modos de funcionamento dessa família, e eles acharam que sim. Isto mostra a influência de padrões de funcionamento e relacionamento que são transmitidos transgeracionalmente.

No caso dos conflitos, os casais entrevistados alegam que buscam sempre conversar, embora algumas vezes algumas das mulheres preferam ficar um tempo quietas para depois conversarem e tentarem chegar a um acordo. Isto reflete os ajustes e negociações necessários na constituição e consagração do casamento. Por fim, os cônjuges também alegam que experienciam o casamento como uma união na qual eles crescem juntos, se conhecem melhor a cada dia e se sentem bastante próximos afetivamente, o que reforça a ideia de casamento proposta por Whitaker (1995) como uma relação de intimidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que os cônjuges, principalmente as mulheres, se sentem apegados e próximos às suas famílias, mesmo estando distantes fisicamente. Além disso, na maioria das vezes as famílias apóiam e vivenciam bem a independência dos filhos, embora sofram no início pela separação.

Dos oito cônjuges entrevistados, nas famílias de quatro deles permanece um filho morando com os pais (configurando o ninho cheio); em dois cônjuges as famílias têm filhos que moram próximos, tendo uma convivência quase que diária com eles, sendo semelhante ao ninho cheio; e nas famílias dos outros dois cônjuges constata-se o chamado ninho vazio.

Os cônjuges parecem ter uma boa compreensão do que é diferenciação (enquanto teoria), embora tenham dificuldade em diferenciá-la. Para eles, o conceito de diferenciação está relacionado com a independência e a formação de um novo núcleo familiar, bem como associada à frequência com que vêm suas famílias ou a distância que moram das mesmas.

Como não se pode dizer se alguém é ou não diferenciado ou o quanto diferenciado cada pessoa está, a grande questão é saber que há momentos da vida e há situações que a pessoa está mais ou menos diferenciada, o que revela que a questão da diferenciação é algo muito mais dinâmico do que se pensa. O aspecto fundamental da relação entre diferenciação e casamento é o casal conseguir tomar suas próprias decisões, ou seja, a diferenciação se relacionaria a quanto o casal permite que suas famílias de origem influenciam nas suas decisões.

De modo geral, percebe-se que todos os casais estão intensificando sua diferenciação. Ou seja, estão se tornando cada vez mais independentes emocionalmente, a seu tempo e ao seu modo, e que embora talvez o homem pressione mais a mulher para que esta se independize mais rapidamente, eles agora (referente ao período quando a entrevista foi realizada) conseguem compreender melhor com a situação.

Os casais parecem ter uma boa vivência de seus casamentos e seus contratos matrimoniais são feitos cotidianamente por meio de suas conversas e combinações. Os conflitos são resolvidos também por meio do diálogo, embora três das quatro mulheres precise de um tempo para se acalmar para conversarem.

Os casais têm claro que repetem muita coisa de suas famílias, mas tentam fazer diferente em alguns aspectos. Eles dizem que tentam repetir as coisas boas e rever as ruins. Porém, Papero (1998) alega que os

membros de uma família acham-se ligados uns aos outros de modo que o funcionamento de cada um afeta o dos demais, e que os comportamentos e interações refletem o sistema emocional na família, possuindo uma característica de repetição. Assim, embora os filhos muitas vezes não percebam, eles acabam repetindo padrões de funcionamento de suas famílias de origem.

Fica como sugestão de pesquisa entrevistar casais com alguma sintomatologia e realizar um maior acompanhamento e aprofundamento sobre a temática para mapear e até quem sabe, associar a sintomatologia à dificuldade ou à falta de diferenciação. Isto porque quanto menos diferenciada uma pessoa é, menos estresse é necessário para produzir sintomas, uma vez que estes surgem quando o nível de ansiedade excede a capacidade do sistema de manejá-la (Nichols e Schwartz, 2007).

Há também certa transmissão multigeracional de ansiedade, na qual o filho mais envolvido na fusão familiar é provável que tenha um nível mais baixo de diferenciação do self. Então, também se sugere um estudo sobre o processo de diferenciação entrevistando não apenas os cônjuges, por exemplo, mas também seus pais, para aprofundar como ocorre esse processo de diferenciação na família de origem ao longo das gerações.

Deste modo, este estudo exploratório foi eficaz na medida em que proporcionou um maior aprofundamento sobre a temática de diferenciação, demonstrando como os cônjuges podem experienciar de modo diferente este processo e o quanto a família, o gênero, o próprio casamento e o contexto influenciam nesse processo. Assim, ampliar este estudo para outros contextos e com um maior número de sujeitos poderia contribuir significativamente para a compreensão deste processo e desenvolvimento científico.

REFERÊNCIAS

- Bowen, M. (1978). *Family Therapy in Clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bowen, M. (1979). *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter; M. McGoldrick. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.) (pp. 7-29). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coelho, S.V.A. (2007). Transmissão Transgeracional de Padrões Familiares – conceitos teóricos. In J.G. Aun, M.J.E. Vasconcellos, S.V. Coelho. *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais* (pp. 259-293). Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa.
- Groisman, M. (2006). *O código da família: mandamentos que devem reger as relações familiares*. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas.
- Guerin, P.J., Fay, L.F., Burden, S. & Kautto, J.G. (1996). *The evaluation and treatment of marital conflict: a four-stage approach*. New York: Basic Books.
- Jankowski, P.J. & Hooper, L.M. (2012). *Differentiation of self: a validation study of the Bowen Theory Construct*. Couple and Family Psychology: Research and Practice.
- Kerr, M. & Bowen, M. (1988). *Family Evaluation*. New York: W.W. Norton & Company.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Artmed.
- Loriedo, C. & Strom, P. (2002). Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In M. Andolfi (Org.). *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional* (pp. 123-138). Porto Alegre: Artmed.
- Maldonado, M.T. (2006). *Cá entre nós, na intimidade das famílias*. São Paulo: Integreare.
- Martins, E.M. de A. (2005). *Família e o processo de individuação na perspectiva de Murray Bowen*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica do Salvador, Salvador.
- Martins, E.M. de A., Rabinovich, E.P. & Silva, C.N. (2008). Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP*, 19(2), 181-197.
- McCullough, P.G., Rutenberg, S.K. (1995). Lançando os filhos e seguindo em frente. In B. Carter & M. McGoldrick. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.) (pp. 248-268). Porto Alegre: Artes Médicas.
- McGoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. Carter & M. McGoldrick. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.) (pp. 184-205). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Nichols, M.P. (1986). *Turning forty in the eighties*. New York: Norton.
- Nichols, M.P. & Schwartz, R.C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Papero, D.V. (1998). A teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. In M. Elkaim (Org.). *Panorama das terapias familiares* (pp. 71-100). São Paulo: Summus.
- Silveira, P.G. & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Skowron, E.A., Stanley, K.L. & Shapiro, M.D. (2009). A longitudinal perspective on differentiation of self, interpersonal and psychological well-being in young adulthood. *Contemporary Family Therapy*, 31, 3-18.
- Skowron, E.A., Kozlowski, J.M. & Pincus, A.L. (2010). Differentiation, self-other representations, and rupture-repair process: predicting child maltreatment-risk. *Journal Counseling Psychology*, 57(3), 304-316.
- Tavora, M.T. (2009). Contrato emocional e código de ética: pilares da reconstrução conjugal. *Revista Psico*, 40(1), 50-57.
- Wagner, A. & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica*, 13(2), 11-24.
- Whitaker, C.A. (1995). As funções do casal. In M. Andolfi, Angelo, C. & Saccu, C. (Orgs). *O casal em crise* (3ª ed.) (pp. 21-28). São Paulo: Summus.

Willi, J. (1995). A construção diádica da realidade. In M. Andolfi, Angelo, C. & Saccu, C. (Orgs.). *O casal em crise* (3ª ed.) (pp. 38-46). São Paulo: Summus.

Recebido em: 15.08.2011. Aceito em: 21.09.2012.

Autoras:

Rovana Kinas Bueno – Formação em Tanatologia; Graduação em Psicologia; Especialização em Terapia Individual, Familiar e de Casal; Mestranda em Psicologia pela UFSC.

Sabrina Alves de Souza – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Campus Santo Ângelo – Graduação em Psicologia.

Especialização em Psicopedagogia. Especialização em Terapia de famílias e de casais. Mestre em Educação.

Rosane Harb Müller Teixeira – Graduação em Psicologia. Especialista em Saúde Coletiva e Terapia de Casal e Família.

Mariliane Adriana Monteiro – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Campus Santo Ângelo – Graduação em Psicologia. Mestre em Educação nas Ciências. Doutoranda em Educação nas Ciências.

Enviar correspondência para:

Rovana Kinas Bueno

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)

Rua Universidade das Missões, 464 – Bairro Universitário

CEP 98802-470, Santo Ângelo, RS, Brasil

E-mail: rovanak@gmail.com